

**PERSONAGENS LGBT
NAS TELENVELAS DA
REDE GLOBO DE 2014
A 2016: uma reflexão
a partir dos Estudos
Queer**

LGBT CHARACTERS IN SOAP
OPERAS OF REDE GLOBO FROM
2014 TO 2016: a reflection from
the Queer Studies

LOS PERSONAJES LGBT EN LAS
TELENVELAS DE LA RED GLOBO
DE 2014 A 2016: una reflexión a
partir de los Estudios Queer

Tarcyanie Cajueiro Santos¹
Geórgia Mattos^{2, 3, 4}

RESUMO

O artigo busca refletir a respeito da representação de personagens LGBT nas telenovelas da Rede Globo. Para tanto, foi realizado um levantamento de

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado pela mesma instituição. Bolsista Jovem Pesquisadora da Fapesp no período de 2008 a 2012. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO). E-mail: tarcyaniecs@gmail.com.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba - Uniso. Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (2018). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Sorocaba (UNISO). E-mail: georgia.jor@gmail.com.

³ Uma versão deste artigo foi apresentada no GT 2 - Grupo de Trabalho Mídias e Práticas Socioculturais do XI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, na Universidade de Sorocaba - Uniso - Sorocaba, SP, nos dias 25 e 26 de setembro de 2017.

⁴ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade de Sorocaba, Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura, Campus Seminário. Av. Eugenio Salerno, CEP: 18035-430 - Sorocaba, SP - Brasil.

personagens LGBT presentes nas telenovelas da Rede Globo no período de 2014 a 2016, uma pesquisa nos sites do Gshow e Memória Globo, além de consultar sites sobre telenovelas e também o próprio acompanhamento, ao assistir durante ou depois do período de exibição, através da plataforma Globo Play. A análise toma como base os estudos queer, especialmente a teoria da performatividade de Judith Butler. O estudo conclui que a telenovela constrói suas representações de forma negociada: se de um lado, aumenta a visibilidade de personagens LGBT; de outro, os mantém dentro de um padrão heteronormativo ou assexuado. Ainda assim, favorece para maior aceitação das identidades generificadas e sexuadas que estão fora da matriz heterossexual.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Queer. Judith Butler. Telenovela.

ABSTRACT

The article seeks to reflect on the representation of LGBT characters in soap operas of Rede Globo. For that, a survey of LGBT characters present in Globo TV telenovelas from 2014 to 2016 was carried out, a survey of the websites of Gshow and Memória Globo, besides consulting sites about telenovelas and also the follow-up, when watching during or after of the exhibition period, through the Globo Play platform. The analysis is based on queer studies, especially Judith Butler's theory of performativity. The study concludes that the telenovela constructs its representations in a negotiated way: if on the one hand, it increases the visibility of LGBT characters; on the other hand, it keeps them within a heteronormative or asexual pattern. Still, it favors greater acceptance of the generalized and sexed identities that are outside the heterosexual matrix.

KEYWORDS: Queer Studies. Judith Butler. Soap opera.

RESUMEN

El artículo busca reflexionar acerca de la representación de personajes LGBT en las telenovelas de la Rede Globo. Para ello, se realizó un levantamiento de personajes LGBT presentes en las telenovelas de la Rede Globo en el período de

2014 a 2016, una encuesta en los sitios del Gshow y Memoria Globo, además de consultar sitios sobre telenovelas y también el propio acompañamiento, al asistir durante o después del período de exhibición, a través de la plataforma Globo Play. El análisis toma como base los estudios que, especialmente la teoría de la performatividad de Judith Butler. El estudio concluye que la telenovela construye sus representaciones de forma negociada: si por un lado, aumenta la visibilidad de personajes LGBT; de otro, los mantiene dentro de un patrón heteronormativo o asexual. Sin embargo, favorece la mayor aceptación de las identidades generalizadas y sexuadas que están fuera de la matriz heterosexual.

PALABRAS CLAVE: Estudios Queer. Judith Butler. telenovela.

Recebido em: 12.01.2019. Aceito em: 09.03.2019. Publicado em: 01.04.2019.

Introdução

Nesse texto, objetivamos refletir sobre a representação de personagens LGBT nas telenovelas da Rede Globo, no período de 2014 a 2016, tomando como referencial teórico os estudos queer de Judith Butler, especialmente a teoria da performatividade. Para situarmos os personagens LGBT, realizamos uma pesquisa nos sites do Gshow e Memória Globo, além de consultar sites sobre telenovelas e também o próprio acompanhamento, ao assistir durante ou depois do período de exibição, através da plataforma Globo Play.

O levantamento é decorrente de uma pesquisa sobre a transexualidade na telenovela A Força do Querer da Rede Globo. Ao considerar outras pesquisas que se propuseram a fazer esse mapeamento, como Peret (2005), Colling (2007) e Silva (2015), acreditamos ser importante dar continuidade a esse projeto para manter o quadro de personagens LGBT atualizado. A mais recente e completa pesquisa que se propôs a descrever esse quadro é a de Silva (2015), que também se baseou nesses e outros autores. Seu trabalho mapeou todos/as as/os personagens LGBT de 1970 até 2013, por isso, nosso levantamento se dá sobre os anos seguintes. Para tanto, dividimos o artigo em duas partes: na primeira, discutimos os estudos queer a partir da perspectiva de Butler. Na segunda, apresentamos uma análise sobre personagens LGBT nas telenovelas da Globo de 2014 a 2016.

Os estudos queer na perspectiva de Judith Butler

Os estudos de Butler têm se concentrado nas questões sobre as identidades generificada e sexuada, compreendidas enquanto formações subjetivas, construídas no interior das estruturas de poder. Para Butler (2003), as

estruturas de poder/saber produzem as identidades dentro de uma matriz heterossexual, que permitem que o sujeito só alcance estabilidade e coerência dentro desse modelo.

A identidade é assegurada pelos conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, constituída pelas práticas reguladoras que a formam coerentemente, tornando-a um ideal normativo e não uma característica descritiva da experiência. Essas práticas reguladoras agem por meio de uma matriz de normas de gênero –a “ordem compulsória da heterossexualidade” – que cria gêneros inteligíveis, ou seja, os gêneros que mantêm a coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, porém, “a coerência e a continuidade da pessoa não são características lógicas ou analíticas da condição da pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2003, p. 38).

A forma como essa ordem opera, através dos discursos de poder, passa a ilusão de que as identidades generificadas possuem coerência natural, como se cada indivíduo nascesse com as características próprias da feminilidade ou masculinidade, qualquer outra forma de comportamento, ou incoerência, é considerada transgressora e precisa ser recolocada na ordem “natural”, de volta aos trilhos. Assim, a matriz cultural da identidade de gênero impede que outros tipos de identidades possam existir, aquelas em que o gênero não decorre do sexo, ou aquelas em que as práticas do desejo não decorrem nem do sexo e nem do gênero, são identidades de gênero que não se conformam às normas da inteligibilidade cultural. Essa “incoerência”, que “parecem meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas”, como afirma Butler (2003, p. 39), permite problematizar não somente a ideia de um gênero culturalmente construído, mas também questionar sobre o sexo como biologicamente imutável.

Para a autora, não basta considerar o gênero apenas como a inscrição cultural de significado num determinado sexo, como se esse fosse previamente dado, mas apontar também todo o aparato de produção em que os próprios sexos são estabelecidos. Desse modo, Butler (2003, p. 25) afirma que “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza”, pois o sexo também é um meio discursivo cultural, no qual essa natureza é produzida e estabelecida como pré-discursivo ou anterior à cultura. O gênero, portanto, não pode ser entendido como a expressão ou o reflexo do sexo somente. A própria pergunta “é menina ou menino?” carrega a contraditória estabilidade do sexo, como se este determinasse o gênero e ambos fossem existentes unicamente num sistema binário, que cria a expectativa (certeza) de que se for menina, será causalmente feminina e desejará o sexo oposto, assim como se for um menino, será causalmente masculino e desejará o sexo feminino. Essa ordem compulsória da heterossexualidade estabelece somente uma forma inteligível de sexualidade – a heterossexual, e ainda, dada como naturalmente concebida. Para uma teoria queer, a sexualidade é sempre construída nos termos dos discursos de poder e esse poder está inserido nos termos das convenções culturais heterossexuais. Percebe-se, assim, que estabelecer o sexo como uma categoria invariável da natureza, reforçando-a na diferença entre feminino e masculino, é uma posição política que favorece às necessidades estruturais e econômicas de uma sociedade heterossexista.

Butler rompe com essa dicotomia sexo e gênero, e defende que o sexo não é tão fixo como supõe ser e que o gênero não é o resultado causal do sexo, mas na verdade, é efeito dessa construção cultural que produz o sexo como pré-discursivo. O sexo, de acordo com Butler (2003, p. 25), é tão culturalmente construído quanto o gênero, “talvez, o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal

forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”, pois ambos são instituídos pelas matrizes das relações normativas de gênero.

Portanto, a identidade de gênero, ou seja, a relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, não ocorre de forma causal, mas sim, é efeito de práticas discursivas que regulam e normatizam as identidades inteligíveis. É por essa concepção que Butler desenvolve uma teoria da performatividade, ao criticar a noção de sexo como uma substância permanente, referindo-se a “metafísica da substância”, que considera o sexo e o corpo como entidades materiais e naturais. Butler (2003, p. 48) opõe-se à ideia de gênero como um substantivo e reforça que “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”. Na perspectiva da performatividade de gênero:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2003, p. 59).

Nessa teoria, a identidade de gênero é uma prática discursiva contínua, que se constrói a partir da repetição de atos ao longo do tempo. Isso permite compreender, segundo Butler, o quanto as noções de sexo essencial e de feminilidade ou masculinidade verdadeiras e permanentes são constituídas de forma a ocultar o caráter performativo, que significa incorporar as marcas de gênero.

Assim, Butler indica como a coerência da identidade de gênero é uma construção fictícia, que pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, como se o desejo refletisse o gênero e o gênero refletisse o desejo de forma naturalmente harmoniosa. Compreender a identidade de gênero, não somente como uma construção que é efeito dos discursos de poder adquirido ao longo do tempo, mas como uma construção performática, Butler incita que o sujeito é um termo em processo e, com isso, as ações ou as expressões do sujeito não partem propriamente dele, mas das relações culturais. “Com efeito, a fonte da ação pessoal e política não provém do indivíduo, mas se dá nas e pelas trocas culturais complexas” (BUTLER, 2003, p. 183).

Butler sublinha, entretanto, que mesmo que o sujeito seja culturalmente construído, isso não elimina o fato de ser também dotado de ação; que ser constituído pelo discurso não significa ser determinado por ele. Dessa maneira, o sujeito negocia suas construções. E é nesse ponto de negociação que emergem as possibilidades de identidades subversivas.

Todavia, como Butler adverte, não há possibilidade de ação ou realidade fora das práticas discursivas, que mantêm a inteligibilidade das identidades nas práticas repetitivas de gênero. Então, repetir tais práticas é inevitável, a tarefa consiste em como repetir, como sugere Butler, repetir afastando-se das normas de gênero que facultam a própria repetição. Por isso, não existe toda e qualquer nova possibilidade, mas trata-se de redescrever as possibilidades existentes no domínio cultura. Para a autora, a possibilidade de subversão se dá no modo de repensar criticamente as possibilidades que já existem nos próprios termos do poder.

Butler (2003, p. 39) enfatiza que a persistência de identidades de gênero que não se conformam às normas “criam oportunidades críticas de expor os

limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero". Para ela, é exatamente nessas relações arbitrárias que se encontram as possibilidades de transformação de gênero, nos modos de repetição irregulares e desconformes, qual ela chama de "repetição parodística". Os atos parodísticos seriam os atos de "encenar" ou "imitar" o gênero de forma a denunciar que as identidades coerentemente heterossexuais possuem caráter fictício de essenciais e naturais, como exemplo, as representações feitas por *drag queens* ou *drag kings*, que revelam como o gênero, de forma geral, é uma paródia. "A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás a paródia que se faz é da própria ideia de um original" (BUTLER, 2003, p. 197).

A paródia revela que não existe uma identidade original. As imitações de gênero deslocam o significado do original, revelando-o como um mito inalcançável. Esses atos parodiam o mecanismo da construção da identidade, que se passa como coerentemente natural e estabelecida. Butler (2003, p. 197) afirma que a "identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos", desse modo, funciona como um conjunto de práticas imitativas que se referem a outras imitações que revelam que o original não passa de uma paródia da ideia de natural e original. "Assim, o gay é para o hetero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia" (BUTLER, 2003, p. 57).

Isso confirma a concepção de que a identidade de gênero é um efeito das normas reguladoras que buscam constituir uma identidade original por meios discursivos da heterossexualidade compulsória, que assumem o lugar de uma

identidade real e legítima. Quando as produções reguladoras do sexo e do gênero passam a ser contestadas, são suas próprias contradições que possibilitam romper com a estabilidade da identidade postulada por elas. São através das configurações identitárias culturais que fogem às normas que operam como intervenção, denúncia e deslocamento dessas reificações.

Tomar a verdade da identidade de gênero como efeito dos discursos de poder é perceber que essa verdade foi impelida por uma construção forjada, conseqüentemente, não existem atos de gênero verdadeiros ou falsos, mas atos que se (re)produzem pelo processo de imitação ao longo do tempo. Por isso, Butler destaca a importância da atuação parodística do gênero para situar as estratégias de repetição com o intuito de averiguar as possibilidades possíveis de intervenção e subversão que facultam a identidade de gênero.

Nessas possibilidades de subversão, os *media* passam a desempenhar um papel social importante, pois também fazem parte dessas estruturas de poder/saber com capacidade de intervenção na formação das identidades generificadas e sexuadas. A telenovela, do mesmo modo, é uma dessas estruturas que exercem forte influência na cultura brasileira. De acordo com Lopes (2004, p. 131), a telenovela é "reconhecida como parte essencial dos modernos processos de construção da identidade" e torna-se assim, importante meio para se observar como seus discursos constroem os personagens considerados, nesse âmbito, parodísticos ou subversivos, que fogem às normas de inteligibilidade e propiciam pensar sobre a suposta estabilidade das identidades estabelecidas dentro da matriz heterossexual.

Personagens LGBT nas telenovelas da Globo de 2014 a 2016

Para situarmos os personagens LGBT no período de 2014 a 2016, realizamos uma pesquisa nos sites do Gshow e Memória Globo, além de consultar sites sobre telenovelas e também o próprio acompanhamento, ao assistir durante ou depois do período de exibição, através da plataforma Globo Play. Ainda assim, é possível que algum personagem com pouca visibilidade não tenha sido incluído nesse levantamento.

O levantamento concentrou-se especificamente nas telenovelas da Rede Globo, portanto, não abrange séries e/ou minisséries, nem produções de outras emissoras. Das 21 telenovelas produzidas nesses três anos, cinco não trabalharam com a temática LGBT, das 19 telenovelas que tiveram representação LGBT, chegamos ao resultado de 51 personagens. Em cada ano, foram produzidas sete teledramaturgias. O ano de 2015 foi o que mais teve personagens LGBT, somando 23 personagens, quase o dobro de personagens exibidos nos outros dois anos, 13 personagens em 2014 e 15 em 2016. A partir dessa breve revisão, podemos afirmar que quase todas as telenovelas nesses três anos representaram personagens LGBT de forma muito mais abrangente se comparado com outros períodos, seja por que estamos num momento em que o tema é emergente, seja com interesse para atingir esse público, de qualquer maneira, a telenovela desempenha um poder/saber na sociedade brasileira capaz de influenciar fortemente em nossa cultura.

Em 2014, estiveram no ar as telenovelas: Em Família, Meu Pedacinho de Chão, Geração Brasil, O Rebu – 2ª versão, Império, Boogie Oogie e Alto Astral. Dessas sete produções, apenas duas – Meu Pedacinho de Chão e Boogie Oogie – não apresentaram personagens LGBT. Embora, em Meu Pedacinho de Chão,

novela de cunho fantástico de conto de fadas de Benedito Ruy Barbosa, exibida às seis, tenha apresentado a personagem Gina (Paula Barbosa), que é chamada de “mulher homem” por ter uma conduta masculinizada. Ao longo da trama, a personagem consegue se adequar aos modelos femininos e casa-se com Ferdinando (Johnny Massaro).

Já a novela de Manoel Carlos, *Em Família*, exibida em 3 de fevereiro a 18 de julho de 2014 no horário das nove, começa com o namoro entre a fotógrafa Marina (Tainá Müller) e sua assistente, Vanessa (Maria Eduarda de Carvalho), que ao longo do enredo terminam a relação e a história passa a enfatizar o romance que nasce entre Marina (Tainá Müller) com a dona de casa Clara (Giovana Antonelli), após se separar do marido Cadu (Reynaldo Gianecchini) e assumir uma relação lésbica. A trama exibiu um beijo entre as duas personagens e retratou o casamento delas no final. De acordo com Oliveira (2014), a cena fez referência à união civil homoafetiva consolidada pelo Conselho Nacional de Justiça em 2013, exigindo que os cartórios atendessem à resolução do Supremo Tribunal Federal de 2011, pois alguns cartórios ainda se recusavam a registrar casamentos entre homossexuais. No final da trama, Vanessa (Maria Eduarda de Carvalho) fica com Flavinha (Luisa Moraes), que também trabalhava como assistente de Marina.

A comédia romântica das sete, *Geração Brasil*, novela de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, no ar em 5 de maio a 31 de outubro de 2014, exibiu a personagem transexual Dorothy Benson (Luís Miranda). Retratada como fina, chique e elegante, a personagem, além de transexual, era nordestina e negra, características que ainda são tratadas com muito preconceito na sociedade brasileira. Porém, Dorothy é rica, viveu nos Estados Unidos e tornou-se uma pessoa midiática, o que contribuiu para não sofrer preconceito. Apesar de pertencer a um núcleo humorístico, a personagem não é caricata e namora o

heterossexual Cidão (André Gonçalves). Ao descobrir num programa de TV que Dorothy era trans, ele a rejeita, mas termina a trama ao lado dela.

Na segunda versão da novela O Rebu, exibida em 14 de julho a 12 de setembro de 2014 no horário das onze, escrita por George Moura e Sérgio Goldemberg, o personagem Nilo (Antônio Fabio) é casado e tem uma filha, mas vive uma vida dupla ao esconder seu caso com um rapaz, que o suborna para não contar a ninguém. O personagem aparece em pouquíssimas cenas e com tempo de aparição muito curto, apenas uma cena mostrou seu envolvimento com o rapaz. Diferentemente da primeira versão da novela em 1974, em que O Rebu, segundo Peret (2005) e Colling (2007), foi a primeira novela da Globo a exibir um personagem homossexual. Na primeira versão, tratava-se do personagem Conrad Mahler (Ziembonski), protagonista da trama, que mantinha uma relação com o michê Cauê (Buza Ferraz) e assassina a jovem Sílvia (Bete Mendes) por ciúmes da paixão que o amante tinha por ela.

A telenovela de Aguinaldo Silva, Império, exibida em 21 de julho de 2014 a 13 de março de 2015, no horário das nove, representou cinco personagens LGBT – novela que mais teve personagens LGBT no ano de 2014, e cada um recebeu uma caracterização bem diferente um do outro. Téo Pereira (Paulo Betti), um jornalista que publica fofocas em seu blog, caminhou entre o cômico e a vilania e provocou risadas com suas frases criativas. Téo vivia em busca de escândalos sobre pessoas conhecidas, principalmente, Cláudio Bolgari (José Mayer), famoso cerimonialista, casado com a ex-miss Brasil Beatriz (Suzy Rêgo), com quem tinha dois filhos, mas escondia sua homossexualidade e mantinha em segredo o amante Leonardo de Sousa (Klebber Toledo), sustentado por ele. O segredo é revelado no blog do jornalista, que desestabiliza a vida de Cláudio, sobretudo sua relação com o filho homofóbico Enrico (Joaquim Lopes). Ao longo da trama,

também aparece o ritmista da escola de samba União de Santa Teresa, Etevaldo (André Gonçalves), que se envolve com Leonardo, mas o romance não dura muito e no final da trama, Cláudio reata o namoro com Leo.

A/o personagem mais emblemática/o de Império foi Xana Summer (Ailton Graça), dona(o) do salão de beleza em Santa Teresa, bairro do Rio de Janeiro. Xana é transgênero e ao longo da novela, a/o personagem transita entre o feminino e o masculino. Foi a/o primeira/o personagem a ser representada/o nessa ambiguidade, que ora se assumia como “ele” ora como “ela”⁵. A/o personagem teve grande repercussão devido as suas características dramáticas e divertidas; a principal delas era seus gritinhos parecidos com grunhidos de gato. Ao final da novela, Xana se casa com sua amiga Naná (Viviane Araújo), para poder adotar Luciano (Yago Machado), filho de uma amiga que morreu. O mais excêntrico da relação é que Naná namora Antonio (Lucci Ferreira) e os três dividem o mesmo quarto.

A última produção de 2014, Alto Astral, uma comédia romântica espiritualista de Daniel Ortiz, exibida na faixa das sete entre 3 de novembro de 2014 a 8 de maio de 2015, apresentou um personagem homossexual, Pepito (Conrado Caputto), o peruano e secretário da paranormal Samantha (Claudia Raia). Pepito ou Pepe recebe muitas críticas e deboches de Samantha, inclusive cenas em que os dois se esbofeteiam, além de sofrer ameaças do irmão dela, o *pitboy* César (Alejandro Claveaux). O personagem sofre muitos preconceitos ao longo da trama, seja por ser gay ou por ser imigrante. As cenas mostram uma

⁵ Sobre um estudo mais aprofundado desta/deste personagem, consultar: MATTOS, G.; SANTOS, T. C. As Relações de Gênero na Telenovela “Império”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0121-1.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

violência declarada, embora com tom de humor. Segundo nota no portal Terra, "o bullying recorrente contra Pepe ainda não provocou manifestações de grupos LGBTs. Talvez seja aceito, ou ignorado, por estar embalado pela comédia". Ao final da novela, Pepito namora Nazir (Luciano Andrey), secretário do Rei Mohammed, e torna-se astro após participar de um concurso de *funk* no programa "Mais Você", apresentado por Ana Maria Braga.

No ano de 2015, as sete produções teledramatúrgicas foram Sete Vidas, Babilônia, I Love Paraisópolis, Verdades Secretas, Além do Tempo, A Regra do Jogo e Totalmente Demais. Com exceção da novela espiritualista das seis, Além do Tempo, que teve como tema principal a reencarnação, todas as outras produções incluíram personagens LGBT no enredo. A novela das seis de Lícia Manzo e Daniel Adjafre, exibida entre os dias 9 de março a 10 de julho de 2015, Sete Vidas, apresentou três personagens homossexuais. A educadora Esther (Regina Duarte), protagonista da trama, viúva de sua falecida esposa, com quem teve um casal de gêmeos por meio de inseminação artificial cujo o doador era anônimo, porém, ao longo da história, a personagem envolve-se com o ex-namorado José Renato (Jonas Bloch). Mas, a novela surpreende com o final amoroso entre os amigos Eriberto (Fabio Herford) e Renan (Fernando Eiras). Em toda a trama, eles eram retratados como pessoas sofisticadas e sensíveis, mas não davam indício de serem homossexuais; a ideia principal foi revelar um romance que nasce da amizade. Após terem terminado seus respectivos casamentos, declaram-se e terminam de mãos dadas no cinema. A novela enfatizou a relação afetuosa acima de um envolvimento sexual.

Apesar da pouca audiência, a telenovela das nove, Babilônia, estreou com o famoso beijo lésbico entre Tereza (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg). A novela de Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga,

exibida em 16 de março a 28 de agosto de 2015, mostrou a homofobia que o casal enfrentou ao longo da trama, além da discriminação que o neto de Tereza, Rafael (Chay Suede), sofreu pela família conservadora e religiosa de sua namorada, Laís (Luísa Arraes), que não aceitava um rapaz que tinha sido criado por um casal de lésbicas.

O outro personagem homossexual é Ivan Camargo (Marcello Melo Jr.), instrutor de *slackline* na praia que, a princípio, teria um relacionamento com Carlos (Marcos Pasquim) e o ajudaria a assumir sua homossexualidade, porém, para não perder a audiência feminina, que já estava prejudicada, os autores mudaram a história do personagem Carlos, que se desenvolveu como hetero. Ivan formou par romântico com Sérgio (Cláudio Lins), que demora para assumir sua homossexualidade. Devido à pouca audiência da novela, a participação da personagem transexual Úrsula Andressa (Rogéria) foi adiada em mais de 60 capítulos e mesmo com tom humorístico, a personagem não alcançou tanto destaque.

Em *I Love Paraisópolis*, escrita por Alcides Nogueira e Mario Teixeira, no ar em 11 de maio a 6 de novembro de 2015, na faixa das sete, o mordomo Junior (Frank Menezes) é o braço direito da patroa Soraia (Letícia Spiller), refinado, transita entre o cômico e a vilania, mas não possui estilo exageradamente caricato. Na história, o mordomo é sempre lembrado de sua época como transformista e, numa cena, revive a *drag queen* Juneca Purpurina. Na reta final da trama, no entanto, ele se envolve com a cozinheira Urbana (Maria Paula Lima). Já o personagem Expedito (José Dumont), característico como machista e "cabra macho cearense", é morto por uma descarga elétrica, mas reencarna e volta diferente, sem preconceito. Após sua reencarnação, deixou a esposa e os filhos para fugir com a/o transgênero Claudineia na boleia de um caminhão e não se

importou quando descobriu que ela nasceu “homem”. Por sua vez, Claudinei/Claudineia (Iuri Kruschewsky) vestia-se de mulher para ficar perto de Claudete (Mariana Xavier), filha de Expedito, mas que no fim, assumiu a nova identidade e ficou com o pai da moça. São reviravoltas típicas de uma comédia das sete.

Nestes três anos, a novela que mais teve personagem LGBT foi Verdades Secretas, de Walcyr Carrasco, exibida em 8 de junho a 25 de setembro de 2015 na faixa das onze. Ganhadora do Emmy Internacional 2016 de melhor novela, a trama contou com sete personagens LGBT, entre eles, o caricato Visky (Rainer Cadete), *booker* da agência de modelo de Fanny (Marieta Severo), apaixonou-se por Leo (Raphael Sander), mas o rapaz afirmava ser hetero e não queria nada com ele. Visky passa a trama inteira disputando Leo com Lourdeca (Dida Camero), que cuida da contabilidade da agência. Na disputa para conquistar o rapaz, Visky e Lourdeca acabam se envolvendo sexualmente.

As cenas que mais chamaram a atenção foram as que retrataram o envolvimento entre o estilista francês, de renome internacional, Maurice Argent (Fernando Eiras) e o ex-modelo Anthony (Reynaldo Giannechini). Anthony namora a dona da agência de modelo Fanny (Marieta Severo), que quer realizar um desfile da marca de Maurice. Este por sua vez, encanta-se com Anthony e aceita fazer o desfile com a condição de ter um caso com o rapaz. Anthony namora Fanny somente por interesse e a trai com a modelo Giovanna (Agatha Moreira). No fim da trama, Maurice leva Anthony e Giovanna para trabalharem com ele em Paris, Anthony continua mantendo relações com os dois.

Além da bissexualidade de Anthony, o modelo Sam (Felipe de Carolis) também afirma fazer qualquer coisa por dinheiro, inclusive vender drogas e participar do esquema “book azul”, termo usado em algumas agências de modelo

para se referir ao catálogo de modelos homens que aceitam se prostituir, “azul” se refere à prostituição masculina, ao passo que a prostituição de modelos mulheres é chamada de “book rosa”. Sam se envolve com Bruno (João Vitor Silva), após o garoto sofrer uma decepção amorosa com a modelo Stephanie (Yasmin Brunet) e, por isso, passa a comprar cocaína de Sam. Bruno tem uma overdose e termina numa clínica de reabilitação, assim, a relação deles acaba e Sam volta para o interior, já que a carreira de modelo não vingou. Somente no último capítulo, a modelo Stephanie (Yasmin Brunet) beija a modelo Mayra (Rhaissa Batista), deixando subtendido uma possível relação amorosa.

No horário das nove, *A Regra do Jogo*, escrita por João Emanuel Carneiro, exibida em 31 de agosto de 2015 a 11 de março de 2016, o casal gay é formado por Úrsula (Júlia Rabello) e Duda (Giselle Batista), que querem ter um filho por inseminação artificial, mas no meio da trama, Duda acaba dormindo com o irmão de Úrsula, Vavá (Marcello Novaes), e engravida de gêmeos. Depois de alguns desentendimentos, as duas ficam juntas e criam as crianças. O apoio do pai de Úrsula, Feliciano (Marcos Caruso), ao casal é tratado de forma homofóbica pela filha mais velha, Dalila (Alexandra Richter), que afirma ser “uma pouca vergonha uma criança ser criada por duas mulheres”. O romance das duas não apresenta demonstrações de toque e afeto, e devido à baixa audiência, um selinho entre as duas foi vetado. Assim como aconteceu na novela *Babilônia*, o personagem Orlando (Eduardo Moscovis) de *A Regra do Jogo* estava previsto para ser um homossexual não assumido, que manteria encontros em segredo com um rapaz, mas sua história foi mudada para reverter a audiência.

Em *Totalmente Demais*, no ar em 9 de maio de 2015 até 30 de maio de 2016, escrita por Rosane Svartman e Paulo Halm na faixa das sete, representou o bem-sucedido diretor de arte da revista *Totalmente Demais*, Pietro (Marat

Descartes), de maneira que o personagem não fosse rotulado, numa conduta sóbria e sem caricaturas, diferente do *booker* Max (Pablo Sanábio), com mais trejeitos em sua performance, mas que também é bem-sucedido. A história de Max é marcada por homofobia, que chega a ser agredido na rua. Somente no fim da trama, Max se acerta com alguém, ao conhecer Fernando (Creo Kellab) na exposição de arte de Jamaica (Gabriel Reif).

Em 2016, as telenovelas produzidas pela Rede Globo foram *Êta Mundo Bom!*, *Velho Chico*, *Liberdade, Liberdade*, *Haja Coração*, *Sol Nascente*, *A Lei do Amor* e *Rock Story*. Não encontramos personagens LGBT nas tramas *Haja Coração* e *Velho Chico*, aliás, na festa de lançamento da novela *Velho Chico*, o autor Benedito Ruy Barbosa declarou uma frase que causou polêmica, ao afirmar “odeio história de bicha”, o que gerou um boicote por parte do público segundo a Folha de S. Paulo.

No folhetim de época das seis, *Êta Mundo Bom!*, de Walcyr Carrasco, exibida nos dias 18 de janeiro a 26 de agosto de 2016, ambientada na cidade de São Paulo dos anos 40, os personagens Lauro (Marcelo Argenta) e Tobias (Cleiton Moraes) demonstram ter uma amizade, que entre uma cena e outra, deixam sutilmente transparecer uma possível relação amorosa. Ao longo da trama, o médico Lauro inicia um compromisso com uma mulher mais velha, Emma (Maria Zilda Bethlem), e somente nos últimos capítulos ele desmancha a relação e afirma que “não é um homem como os outros”, ela responde que entende e completa: “é um amor que não ousa dizer o nome”. Assim, Lauro convida o alfaiate Tobias para jantar, indicando que a relação dos dois continuará de forma discreta, devido à época em que viviam.

O destaque de 2016 foi a novela das onze, *Liberdade, Liberdade*, que representou a primeira cena de sexo entre homossexuais na televisão brasileira.

A história é baseada no livro "Joaquina, Filha do Tiradentes" de Maria José de Queiroz, adaptada por Mario Teixeira e exibida em 11 de abril a 4 de agosto de 2016. O personagem afeminado André (Caio Blat) é irmão de criação de Joaquina (Andreia Horta) e descobre que sente atração por homens. Ao longo da história, precisa lidar com o preconceito, por ser muito diferente da brutalidade masculina da época e ainda conter o amor de Mimi (Yanna Lavigne), uma amiga prostituta que se apaixona por ele. Ao se envolver com o coronel Tolentino (Ricardo Pereira), em 1808, quando a homossexualidade era considerada crime, André foi acusado de sodomia e teve um trágico fim ao ser condenado ao enforcamento, suas últimas palavras foram: "Se algum crime cometi, foi ter amado".

Em Sol Nascente, novela de Walther Negrão, Suzana Pires e Júlio Fischer, na faixa das seis, exibida no período de 29 de agosto de 2016 a 21 de março de 2017, o personagem Bernardo (Márcio Kieling) é *marchand* e ajuda Yumi (Jacqueline Sato) a ser lançada no mercado das artes, ela se interessa por ele até descobrir que Bernardo é casado com Fábio (Luka Ribeiro). O personagem tem pouca aparição e seu relacionamento não é explorado.

Na novela das nove, A Lei do Amor, escrita por Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari, no ar em 31 de outubro de 2016 a 31 de março de 2017, o frentista e pai viúvo Wesley (Gil Coelho), apesar de ser heterossexual, apaixona-se pelo DJ Zelito (Danilo Ferreira) no começo da trama, mas não passa muito tempo e Zelito é assassinado. Somente na última semana da telenovela, Wesley se aproxima de Gledson (Raphael Ghanem), o caricato *personal stylist* de Luciane (Grazi Massafera), formando, assim, uma família. Também na última semana da novela, a personagem Flávia (Maria Flor) termina sua relação com Misael (Tuca Andrada) e aparece com a namorada Gabi (Fernanda Nobre). Ambas as histórias não foram

construídas ao longo da trama, portanto, as relações homossexuais não foram bem exploradas.

Já em *Rock Story*, de Maria Helena Nascimento, na faixa das sete, que estreou em 9 de novembro de 2016 e terminou no dia 5 de junho de 2017, apresentou o primeiro personagem gay no início da trama, o caricato fã do cantor Léo Régis (Rafael Vitti) – Jaiminho (Bruno Boer), que apesar de aparecer em poucas cenas, elas são sempre bem-humoradas. O cantor tem tanto carinho pelo fã, que o convida para ser seu assistente pessoal. Ao longo da novela, aparece o jornalista Cassiano Junior (Caike Luna), que tem um programa de fofoca e é odiado pelo roqueiro Gui Santiago (Vladimir Brichta), por exibir notícias falsas e sensacionalistas sobre o cantor. Cassiano tem pouca aparição, também é construído num tom cômico, mas é sádico e possui má fama profissional.

Na reta final da novela, a personagem Vanessa (Lorena Comparato) se revela lésbica, até então a trama só havia mostrado sua admiração pela chefe Diana (Alinne Moraes). A secretária se apaixona por Bianca (Mariana Vaz) após passarem a trabalhar juntas na gravadora Som Discos. O pai da personagem, Nelson (Thelmo Rodrigues), tem dificuldades em aceitar a orientação sexual da filha, mas a apoia. Num jantar, ele afirma para Bianca que ela será sempre bem recebida em sua casa. O personagem Nelson representa aquelas pessoas que encaram a homossexualidade com estranhamento, porém, sem desprezo ou homofobia.

Considerações finais

Diante desse levantamento, apesar da representação LGBT ter aumentado com os anos, muitos personagens ainda são representados de forma heteronormativa, ou seja, dentro de um padrão heterossexual, que supõe existir

um/a que assumirá a posição de “homem” e outro/a que assumirá a posição de “mulher” na relação.

São poucos os personagens que parecem, de fato, desestabilizar essa dicotomia. Podemos considerar as/os personagens trans, que embora assumem a identidade de gênero oposta, ainda assim, cruzam a fronteira do feminino e do masculino, como se ambos estivessem presentes neles/as. Os personagens bissexuais, talvez, sejam os que mais proporcionam rupturas à norma, pois a separação entre a identidade e a orientação sexual é, de certa forma, mais acentuada. Independente da identidade generificada manifestada, as práticas sexuais não se limitam em escolher um lado e outro, mas transitam entre elas. Nesse ponto, consideramos os personagens bissexuais Esther, de Sete Vidas, e Junior, de I Love Paraisópolis, pois os outros personagens, da novela Verdades Secretas, admitem que a bissexualidade se justifica por interesses financeiros e não por um desejo que emerge espontaneamente. Exceto o personagem Bruno, que se envolve com Sam, após uma decepção amorosa com uma modelo. Numa cena, a mãe de Bruno, Pia (Guilhermina Guinle), pergunta se o filho é gay, mas ele responde: “Não tem isso de ser gay, não ser gay, se rolar, rolou, [...] quem tá querendo rotular é você”.

Essa posição de indeterminação também é exposta na telenovela A Regra do Jogo, quando a personagem Duda é interrogada pela família por ter dormido com o cunhado, comentam que ela precisa se definir, mas ela afirma que “definir é limitar”. Apesar da afirmação, a novela não mostrou cenas de afeto ou beijo entre ela e sua parceira Úrsula, por outro lado, mostrou a cena em que ela beija o cunhado. Não somente nesta telenovela, mas em praticamente todas as representações, não há demonstração de afeto e toque, muito explorada nas situações heterossexuais. Apenas as telenovelas Verdades Secretas e Liberdade,

Liberdade representaram o envolvimento sexual entre os/as homossexuais, embora de forma bem romantizada, ainda levando em conta que se trata de duas novelas do horário das onze. Nas relações lésbicas, essa maneira quase assexuada de envolvimento é ainda mais marcada, apenas com trocas de olhares e aperto de mão.

Isso mostra que mesmo a telenovela expondo identidades que fogem às normas inteligíveis, constrói seus discursos sempre de forma negociada entre um posicionamento que atravessa a ordem compulsória da heterossexualidade e, ao mesmo tempo, mantém a conservação da mesma. Assim, ao passo que a representação de personagens LGBT seja mais explorada, suas relações amorosas ainda são tratadas timidamente, como meras amizades ou até mesmo assexuadas. Não podemos esquecer que se trata de um produto comercial, que apesar de propor novas formas de pensar, ainda visa ao lucro, portanto, cria suas representações com estratégias balanceadas para não perder o público conservador. Como aconteceu com as novelas Babilônia e A Regra do Jogo, que precisaram alterar a sinopse inicial. Provavelmente, por isso, alguns personagens se “revelam” homossexuais ao longo da trama ou somente nos últimos capítulos.

Em contrapartida, as telenovelas têm explorado a temática LGBT de forma mais aberta e menos estereotipada, como aponta as pesquisas de Peret (2005), Colling (2007) e Silva (2015). Ainda assim, verificamos seis personagens caracterizados, nesses três anos, como fortemente caricatos: Téo Pereira e Xana (Império), Pepito (Alto Astral), Visky (Verdades Secretas), Gledson (A Lei do Amor) e Cassiano Junior (Rock Story). Todos associados ao humor. Comparando com as pesquisas anteriores desses autores, é perceptível o aumento de personagens lésbicas nas telenovelas, além de expor com mais frequência a relação homossexual entre casais da terceira idade, que antes era representada somente

entre uma pessoa mais velha com alguém mais novo, geralmente, numa relação mantida em segredo.

Também se observou que a quantidade de personagens caricatos tem diminuído, tornando-se menos estereotipados, mas a maioria das representações continuam a enquadrar a relação homoafetiva dentro do padrão heteronormativo. Acreditamos que a telenovela tem modificado as representações que faz da comunidade LGBT com o passar do tempo, de modo a incluir mais as identidades generificadas e sexuadas que estão fora da matriz heterossexual.

Desse modo, o aumento da representação da comunidade LGBT, mesmo verificando as nuances e estratégias de representação, favorece uma maior aceitação das “novas” identidades generificadas e das orientações sexuais fora da matriz heterossexual. Essa maior visibilidade permite quebrar com certos paradigmas. Além disso, quando a telenovela trata sobre o preconceito e a homofobia, ainda fortemente presentes em nossa sociedade, ou sobre os direitos ao casamento e adoção, acaba estimulando o desenvolvimento de políticas públicas em favor da comunidade LGBT.

Referências

BENEDITO Ruy Barbosa dá declaração homofóbica em festa de 'Velho Chico' e gera boicote à novela. Jornal Folha de S. Paulo, 2016. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2016/03/10000825-benedito-ruy-barbosa-da-declaracao-homofobica-em-festa-de-velho-chico-e-gera-boicote-a-novela.shtml>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

BENÍCIO, Jeff. **Bullying contra gay de Alto Astral não gera protestos**. Portal Terra, 2014. Disponível em: <https://diversao.terra.com.br/tv/blog-sala-de-tv/bullying-contra-gay-de-alto-astral-nao-gera->

[otestos,d406c5d2af20c2cf5bb1f1caacbe964c7jl2el21.html](http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2019v5n2p434). Acesso em: 2 abr. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. Niterói: EDUFF, **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, p. 207-222, 2007.

LOPES, M. I. V. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Telenovela**. Internacionalização e Interculturalidade. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 121-137.

OLIVEIRA, José Aparecido. **A construção discursiva e a recepção da homossexualidade na teledramaturgia brasileira**: consumo, representação e identidade homossexual. 2014. 195 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

PERET, Luiz E. N. **Do armário à tela global**: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. 2005. 246 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação – Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Fernanda N. **Bicha (nem tão) má**: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida. 2015. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.